

Sumário

CAPÍTULO 1	GABINETES DE CURIOSIDADES	15
	Câmaras de maravilhas, <i>studioli</i> e gabinetes de curiosidades: Vandelli e sua circunstância <i>Fernanda de Camargo-Moro</i>	19
	Estudo do museu de Domenico Vandelli. Pádua, 1763	25
	Museu da Universidade de Coimbra que foi de Domingos Vandelli	30-31
CAPÍTULO 2	DOMENICO VANDELLI NA LINHA DO TEMPO	37
	Domenico Vandelli – um naturalista italiano a serviço de Portugal e do Brasil <i>João Carlos Brigola</i>	41
	Cronologia	56
CAPÍTULO 3	VIAGENS FILOSÓFICAS	67
	A filosofia das viagens: Vandelli e a história natural <i>Lorelai Kury</i>	73
	Carta de Domenico Vandelli ao marquês de Angeja, 1777	85
	Carta do marquês de Angeja ao visconde de Vila Nova de Cerveira, 1777	86
	Viagens filosóficas ou dissertação sobre as importantes regras que o filósofo naturalista, nas suas peregrinações, deve principalmente observar, por Domenico Vandelli, 1779	93
	Carta de Joaquim Velloso de Miranda a Domenico Vandelli, 1780	171
	Carta de Domenico Vandelli a Joseph Banks, 1785	173
	Viagem filosófica a serra Ibiapaba, 1784	183
	Abecedário de várias ervas, raízes e frutos medicinais, produzidas no Brasil, 1788	218-219
	Carta sobre remessa de pássaros, 1783	225
	Inventário Geral	235
CAPÍTULO 4	A COLEÇÃO SE DISPERSA	247

Domenico Agostino Vandelli – um naturalista italiano

a serviço de Portugal e do Brasil

por João Carlos Brigola

A ligação de Domenico Vandelli (1735-1816), durante mais de quatro décadas, à fundação, instalação e direção dos museus de história natural e jardins botânicos da Ajuda, em Lisboa (1768-1810), e da Universidade de Coimbra (1772-1791) faz dele o mais importante museólogo setecentista de Portugal e do seu império. A ele se devem a rede internacional de contatos científicos dos museus públicos com personalidades e instituições museológicas de toda a Europa; a colaboração especializada com o colecionismo privado, obtendo de alguns proprietários a doação de gabinetes para incorporação nas coleções públicas; a autoria da parte dos *Estatutos*¹ da faculdade de filosofia natural, dedicada ao ensino da química e da história natural, incluindo a criação dos respectivos equipamentos museológicos; a formação académica, em Coimbra, e a preparação profissional, na Ajuda, dos naturalistas com missões ultramarinas; e a autoria de compêndios universitários, instruções aos viajantes naturalistas e dezenas de alvitres, memórias e relatórios, além de numerosa correspondência oficial, donde é possível extrair, se não um pensamento museológico teoricamente inovador, ao menos uma persistente reflexão, de caráter utilitarista, sobre os objetivos, as estratégias e as condicionantes da sua práxis, bem como propostas para a sua superação.

Importaria desvendar as circunstâncias da sua contratação em 1764, aparentemente destinada à docência no Colégio dos Nobres mas na realidade sem exercício de funções oficiais até 1768, quando Vandelli é finalmente nomeado para dirigir as obras do Jardim Botânico da Ajuda. Essas circunstâncias deverão ser associadas às vicissitudes do projeto de introdução dos estudos científicos tanto no Colégio de Lisboa como na Universidade. Quanto à instituição coimbrã, o ministro assistente ao Despacho, SEBASTIÃO JOSÉ DE CARVALHO E MELO, alimentava desde a expulsão dos jesuítas em 1759 o intento de reformá-la (ou refundá-la) profundamente, como assume em carta de 1761 dirigida ao padre e erudito Jacopo Facciolati (1682-1769), professor de lógica e reitor na Universidade de Pádua, pedindo-lhe um exemplar dos estatutos daquela universidade, bem como sugestões para a reforma que tinha *in animo* para a de Coimbra.²

Decorreria ainda um longo interregno de onze anos até à promulgação dos *Estatutos* de Coimbra, enquanto no horizonte imediato o esforço ministerial continuava a ser canalizado para a abertura do Colégio dos Nobres. O nome de Vandelli aparece associado aos dos universitários indicados por Facciolati para a docência no Colégio em razão da sua própria recusa em vir para Portugal, onde lhe



SEBASTIÃO JOSÉ DE CARVALHO E MELO (1699-1782), conde de Oeiras e mais tarde marquês de Pombal. Tornou-se ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal em 1750, e primeiro-ministro do reino em 1755, ano do grande terremoto de Lisboa. Suas reformas não se limitaram à Universidade de Coimbra e buscaram racionalizar a administração sem enfraquecer o poder real – um exemplo de despotismo esclarecido. No mesmo ano em que expulsou os jesuítas de Portugal, nacionalizou o ensino público, mas a reforma de Coimbra teria que esperar até 1772. Foi afastado do seu cargo por d. Maria I em 1777, mesmo ano da morte de d. José I.

MICHELE ANTONIO CIERA, engenheiro italiano, natural do Piemonte. Viajou pelo Brasil como integrante da Comissão Demarcadora de Limites, formada após o Tratado de Madri (1750).

Em 1772 Ciera tornou-se lente de astronomia na faculdade de matemática da Universidade de Coimbra ao mesmo tempo em que Miguel Franzini era nomeado para a cadeira de álgebra, Monteiro da Rocha para a de ciências físico-matemáticas e Domenico Vandelli para as cadeiras de química e de história natural.

Projetado por Domenico Vandelli, o JARDIM BOTÂNICO DA AJUDA foi fundado em 1768 e pertence desde 1918 ao Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa.

Algumas das CARTAS dirigidas a Vandelli estão depositadas no AHMB (Arquivo Histórico do Museu Bocage, Lisboa); as enviadas por ele a outros naturalistas podem ser encontradas na *British Library*, na *Linnean Society* e no Arquivo do Real Jardim Botânico de Madri. A correspondência entre Lineu e Vandelli é publicada integralmente pela primeira vez no segundo volume deste livro.

fora oferecida a direção dos estudos. No entanto, não deixa de causar estranheza a contratação de um médico naturalista, especialista reconhecido no campo da química e da história e do colecionismo naturalistas – precisamente uma área disciplinar que se sabia não fazer parte da estrutura curricular do Colégio. A acreditar-se na afirmação do cônsul de Portugal em Gênova, Nicolao Piaggio, o convite decorreria do empenho pessoal do prefeito dos estudos do Colégio, MICHELE CIERA, a pedido do conde de Oeiras.³

Qualquer que tenha sido a razão inicial que mais tenha pesado na ida de Vandelli a Portugal, o que importa reter como historicamente relevante é o fato de o país ter podido dispor de um naturalista-colecionador-professor de prestígio, no exato momento em que a decisão política foi acionada, primeiro na Ajuda, depois em Coimbra. Dispomos de esclarecedora documentação sobre as vivências lusitanas de Vandelli nesses longos quatro anos (1764-1768) sem cargo formal nem destino oficialmente traçado, apenas vagas promessas de ocupação, apesar de cumprido o compromisso financeiro do Estado.

A boa nova da nomeação do paduano como diretor do JARDIM BOTÂNICO DA AJUDA espalha-se entre a comunidade de naturalistas europeus (não só italianos), e alguns apressam-se a propor venda ou intercâmbio de sementes, plantas, livros, informações. Finalmente, o discípulo e estimado correspondente de Lineu fazia valer o seu trunfo lusitano: o acesso direto à coleta de plantas raras naquele exótico território europeu e no seu vasto império.

É possível reconstituir o que mais significativamente marcou os primeiros anos da existência do jardim botânico e do gabinete do Paço da Ajuda a partir de dois tipos de testemunhos coevos de indiscutível valor documental: a *Relação da origem, e estado presente do Real Jardim Botânico, Laboratorio Chymico, Museo de Historia Natural, e Caza do Risco*, de Vandelli, e a CORRESPONDÊNCIA de personalidades e instituições científicas e museológicas européias com o naturalista paduano.⁴

A estreiteza física do espaço do jardim constituiu desde sempre uma condicionante e fez-se notar igualmente nos outros estabelecimentos e suas dependências – museu, laboratório, casa do risco, cartório e livraria, e armazém. E essa condicionante haveria de ser lembrada cada vez que se procuraram encontrar justificações para as dificuldades de ordem profissional e científica. A localização dessas edificações – a sul do tabuleiro inferior do jardim, compreendendo ao centro o edifício do museu e seus anexos, tendo em ambos os lados talhões de terreno que seriam mais tarde utilizados como viveiros – evidencia uma inicial subalternidade funcional face ao projeto maior, o jardim botânico, como se todo o resto gravitasse em torno deste eixo fundante. Aliás, não deixa de ser significativo que a primeira planta conhecida do conjunto desses estabelecimentos, datada do século XVIII e geralmente considerada como o seu traço projetual, não contemple senão o desenho do jardim.⁵

Em que pese as limitações espaciais já apontadas, cremos que esses estabelecimentos cedo se viram imbuídos de um forte componente experimental intimamente ligado à estratégia ultramarina da coroa. A vocação recreativa e instrutiva que vemos atribuída nesses tempos iniciais ao jardim botânico não é dominante, tanto quanto os documentos o permitem afirmar, nas funções e atividades do laboratório e do museu. De fato, aqui o grande desígnio estruturante parece ser, segundo a narrativa vandelliana, o da publicação de uma *História Natural das Colônias*, objetivo que ganhará compreensível consistência quando, depois de 1777, os

primeiros naturalistas formados em Coimbra, quase todos de origem brasileira, chegarem à Ajuda para aí receberem treino profissional para as missões filosóficas ultramarinas. Assim se compreende que o laboratório químico seja prontamente associado à função utilitária de estudo e exploração dos recursos do império, já que a destilação do ANIL brasileiro permitia um retorno financeiro apreciável.

É também desse universo que emerge o colecionismo naturalista na Ajuda, em conexão física e funcional com o laboratório e o seu múnus ultramarino mas museologicamente devedor, antes do mais, às atividades coletoras de Vandelli (primeiro em Pádua, de 1757 a 1763, e depois em Lisboa, de 1764 a 1772) e a alguns objetos e armários de uma coleção privada doada em 1774 à Universidade.⁶

Mas se essa proximidade física por um lado conferiu ao Museu de História Natural o caráter inovador de instrumento científico a serviço de uma estratégia de desenvolvimento econômico, por outro lado condicionou dramaticamente as opções metodológicas e epistemológicas presentes no novo discurso museológico, de índole iluminista, protagonizado por Vandelli e linearmente exposto no prefácio ao seu *Diccionario dos termos technicos de Historia Natural*: "Neste século é a história natural mais cultivada que nos passados, o que demonstram as grandes e interessantes descobertas e o avultado número de museus. No século passado e no princípio do presente haviam [sic] muitos museus de medalhas, dos quais agora há poucos, e preferem-se os da história natural. (...) A impossibilidade de se poderem ver todas as produções da natureza, espalhadas em países tão remotos, supre o museu, no qual, como em um anfiteatro, aparece em uma vista de olhos o que o nosso globo contém."⁷

No entanto, só depois do período pombalino, a partir de 1777, é que a coroa haveria de delinear uma estratégia de preparação, financiamento e coordenação de viagens filosóficas aos territórios ultramarinos. Mas essa atividade pontual, mal preparada e mal conduzida, dependerá das boas vontades individuais de alguns naturalistas amadores colocados em lugares de decisão no Brasil. Não admira portanto que, de acordo com os relatos epistolares dos coletores improvisados, a maioria dos produtos não chegue ao Real Jardim e Museu de História Natural da Ajuda nas melhores condições. Ter-se-á que esperar pela década de 1780 para que as instruções redigidas pelos naturalistas profissionais doutrinarem e apetrechem tecnicamente as atividades de coleta, preparação, envio e conservação das remessas coloniais.

Vandelli, apenas empossado nas funções de diretor dos estabelecimentos da Ajuda, inicia uma correspondência científica com a elite colonial brasileira, desejoso de enriquecer o Jardim e o Museu com produtos que lhe eram requisitados de todas as partes da Europa. É necessário vincar a importância das relações epistolares como estratégia de afirmação pessoal e institucional, constituindo uma privilegiada forma de sociabilidade e de consagração na comunidade científica europeia do século XVIII. Alimentar um denso epistolário científico representava um mérito que se ostentava como carta de apresentação.

O prestígio adquirido pelo fato de se manter correspondência com um nome respeitado numa área disciplinar representava um trunfo importante que não deixava de ser utilizado quando se ambicionava, por exemplo, um cargo profissional, chegando-se a imprimir o conteúdo das cartas recebidas como ostentação de proximidade intelectual com um sábio consagrado. Foi o caso de Vandelli, que em 1788 publicaria a sua correspondência com Lineu como apêndice à *Florae lusitanicae et brasiliensis specimen*.⁸ A leitura dessas cartas revela uma genuína

"Por causa das análises e experiências que me foram incumbidas sobre algumas produções naturais das colônias, o sr. rei d. José mandou que se fizesse um laboratório químico, que se construiu segundo o fim ao qual estava destinado. Nesse se fez depois a fábrica da purificação do ANIL. Sendo-me determinado examinar a pouca e má qualidade e quantidade de anil que vinha do Brasil (...) remeti varias relações e advertências instrutivas para as fábricas do anil no Brasil; [como] ainda este gênero não vinha perfeito e capaz de servir nas tinturarias, se fez no mesmo laboratório uma fábrica de purificação dos muitos quintais de anil que as duas companhias, do Pará e [de] Pernambuco, compravam por conta da Real Fazenda; o qual, depois de bem purificado, se vendia aos tintureiros e comerciantes." [Domenico Vandelli], *Relação da origem, e estado presente do Real Jardim Botanico, Laboratorio Chymico, Museo de Historia Natural, e Caza do Risco*, [1795], ANTT, Ministério do Reino, maço 444.

"A partir dessa CORRESPONDÊNCIA pode-se ver que os jardins do Palácio da Ajuda serviam de entreposto entre Portugal, seus territórios ultramarinos e o norte da Europa (em particular o Kew Gardens inglês). As cartas de Vandelli (...) demonstram as conexões mantidas com instituições e indivíduos europeus interessados em obter espécimes e sementes encontrados apenas na África ou no Brasil. Lisboa era o intermediário vital para naturalistas do norte da Europa que queriam estudar espécimes raros do Brasil tropical ou da África." (William J. Simon, *Scientific expeditions in the Portuguese overseas territories* (1783-1808), Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1983, p. 51.)

O CATÁLOGO está publicado na página 25 deste livro com o título: *Estudo do museu de Domenico Vandelli*.

A flora portuguesa despertara, no século anterior a Vandelli, a atenção do médico alemão Gabriel GRISLEY, dono de um horto botânico em Lisboa, que publicaria em 1661 o *Viridarium lusitanicum*. A obra "consta da enumeração de 1.618 plantas, com as respectivas frases descritivas, por ele colhidas nas cercanias de Lisboa e além e aquém Tejo. A estas foram adicionadas 204 extraídas de outros autores que as mencionavam para Portugal, elevando-se assim o número a 1.822" (Abílio Fernandes, História da botânica em Portugal até finais do séc. XIX, 1986, v. 2, pp. 875-876). O jardim da Lusitânia permaneceria a única flora portuguesa (se não se considerar nesta categoria o manual didático de Vandelli, *Florae lusitanicae et brasiliensis specimen*) até 1804, quando Félix de Avelar Brotero publicou a sua *Flora lusitanica*. Por empenho de Domingos Vandelli, a obra de Grisley seria reeditada pela Academia Real das Ciências de Lisboa em 1789.

amizade entre os dois homens, cimentada por um intercâmbio científico que interessava a ambos e proporcionava ao mais jovem, e menos conhecido entre os seus pares, uma indiscutível projeção.

Se associarmos a esse trunfo do italiano o fato já anteriormente assinalado de estar ele dirigindo empreendimentos científicos e pedagógicos num país de clima meridional cuja jóia da coroa, o Brasil, constituía para os naturalistas europeus um inacessível paraíso natural, compreender-se-á bem a relevância que o nome de Vandelli obteve nas mais variadas instituições museológicas europeias, fato que não deixou de militar a favor das exigências de instalação e organização dos estabelecimentos da Ajuda. São abundantes, na CORRESPONDÊNCIA recebida, as referências explícitas às vantagens comparativas usufruídas pelo botânico régio de Lisboa.

Não obstante a tendência institucional dos equipamentos museológicos então em voga na Europa (régios, universitários ou acadêmicos), a dimensão privada do colecionismo naturalista ocupa ainda um lugar relativamente importante nessa segunda metade do século XVIII, já que alguns historiadores da natureza (não só profissionais como também alguns amadores de sólida posição social) continuam a entesourar os produtos das suas coletas pessoais (ou remetidos por correspondentes) em gabinetes privados. Vale ressaltar que também o jovem universitário Domenico Vandelli, durante os sete anos (1757-1763) em que empreendeu viagens filosóficas às regiões do centro e norte e aos mares da Itália e acumulou produções europeias e africanas coletadas por amigos, organizara o seu *museo padovano*, vendido em 1772 à Universidade de Coimbra e do qual conhecemos um circunstanciado CATÁLOGO.

A tradicional negligência com que os estudos botânicos tinham sido tratados em Portugal – medida pela escassez de publicações sobre a flora nacional, todas de autoria de eruditos estrangeiros – era bem conhecida na Europa, e o próprio Vandelli a refere no seu catálogo de 1771: "GRISLEY tentou em vão construir um jardim botânico em Portugal".⁹ Mas a contratação do naturalista italiano e suas atividades científicas e museológicas, no quadro das reformas pedagógicas pomбалinas, transmitiam paulatinamente uma fâcies moderna ao país, o que para alguns envolvia Vandelli numa missão verdadeiramente salvífica.

Os professores italianos Domenico Vandelli e GIOVANNI ANTONIO DALLA BELLA, contratados a partir de 1772 pela Universidade de Coimbra, traçam os projetos para o JARDIM BOTÂNICO e asseguram as primeiras plantações; acompanham o risco do Museu;¹⁰ disponibilizam as primeiras coleções e acolhem outras, fazendo o seu inventário; classificam as produções naturais e artificiais e exibem-nas metodicamente; e envolvem os alunos mais dotados nas demonstrações, além de incentivá-los à viagem filosófica e à coleta naturalista de produtos para os museus. Em conjunto, criam uma atmosfera, porventura irrepetível na história da Universidade, de imaginação e exaltação criativa, em que os conhecimentos são diretamente associados à produção de riqueza nacional (a "felicidade dos povos" da retórica das Luzes). Os próprios exames públicos, atraindo pela novidade professores e alunos de outras faculdades (mesmo das chamadas positivas: teologia, cânones e leis, que divulgavam conhecimentos "positivos", em oposição aos conhecimentos "naturais" e "filosóficos" da medicina, matemática e filosofia natural), são momentos de excepcional oportunidade para a propaganda da utilidade dos novos conhecimentos.¹¹

Esse envolvimento ativo dos alunos na aprendizagem, incentivado como

princípio metodológico decorrente do experimentalismo dos saberes, surge também em coerência com a concepção museológica definida nos *Estatutos* e glosada na *Relação geral do estado da Universidade de Coimbra* (1777), escrita pelo reformador-reitor d. Francisco de Lemos Faria Pereira Coutinho: pela primeira vez na história de Portugal um museu é apresentado, em forma de letra e com força de lei, como “tesouro público”. “O (...) Gabinete devia ser considerado como o tesouro público da história natural, pondo-se sempre todo o cuidado no seu aumento e riqueza para melhor servir à instrução da mocidade que de todas as partes destes reinos e senhorios concorre à Universidade.”¹²

O componente mais significativo do acervo inicial do gabinete tivera origem na compra do museu que Vandelli formara em Pádua entre 1757 e 1763, negociada com Pombal por dez mil cruzados. A parte restante era constituída pelos produtos que o naturalista italiano tinha juntado em Lisboa entre 1764 e 1772 e pela coleção particular do capitão-de-mar-e-guerra José Rollem van-Deck.

A coleção mais importante, do ponto de vista da quantidade e variedade dos espécimes, é indiscutivelmente a que foi transportada de Pádua e que constituía o gabinete particular de Vandelli. Durante sete anos, o jovem naturalista empreendera viagens filosóficas às regiões centro e norte da Itália (Vêneto, Lombardia, Emília-Romanha, Toscana) e aos mares Tirreno e Adriático, recolhendo produtos da natureza e sedimentando os conhecimentos científicos adquiridos no curso de medicina da Universidade de Pádua. Os 28 armários, que foi paulatinamente ordenando desde 1757, quando viajara pela República Veneziana, também continham material recolhido por correspondentes europeus (Grécia, França e Alemanha) e até mesmo pela expedição de Vitalino Donati, enviada pelo rei da Sardenha ao Oriente Médio.¹³ Com base no *Estudo do museu de Domenico Vandelli* é possível conhecer com rigor e minúcia o conteúdo dessa coleção, majoritariamente composta de espécies mineralógicas mas contendo também exemplares zoológicos, um herbário e, evidenciando o interesse juvenil de Vandelli pelo vestígio histórico, arqueológico e etnográfico, algumas antiguidades artísticas e numismáticas, além de artefatos asiáticos e africanos.

Foi seguramente a partir desse manuscrito original, levado para Lisboa pelo paduano em 1764 com outros relatórios de visitas a instituições museológicas em Bolonha, Florença, Pisa e Pádua, que Vandelli compôs o catálogo publicado em 1768 com o título latino de *Conspectus Musei Dominici Vandelli*.¹⁴ Fora o próprio reformador-reitor que, fazendo fé na excelência prometida pelo *Conspectus vandelliano*, convencera Pombal a fundar o museu universitário com a coleção. O valor foi ajustado com intervenção decisiva do pai de Domenico, GIROLAMO VANDELLI.

Em vão buscaríamos documento mais esclarecedor das linhas com que se teia o seu ecletismo cultural (exibindo, em paradoxal convívio, objetos de tão diversas tipologia e natureza disciplinar) do que as excelentes *descrizioni* museológicas do jovem Vandelli em peregrinação *philosophica* por alguns dos centros urbanos italianos de maior tradição e projeção intelectuais. Os espaços museológicos visitados e descritos pelo naturalista são sobretudo os que, por sua vocação acadêmica ou didática, albergavam predominantemente coleções científicas: o Instituto das Ciências de Bolonha e os museus universitários de história natural de Pisa e de Pádua. Mesmo aqui, apesar do peso hegemônico dos produtos da natureza, é possível encontrar objetos tão díspares quanto múmias egípcias, roupas e utensílios de índios ou pinturas renascentistas e estátuas de estética clássica.

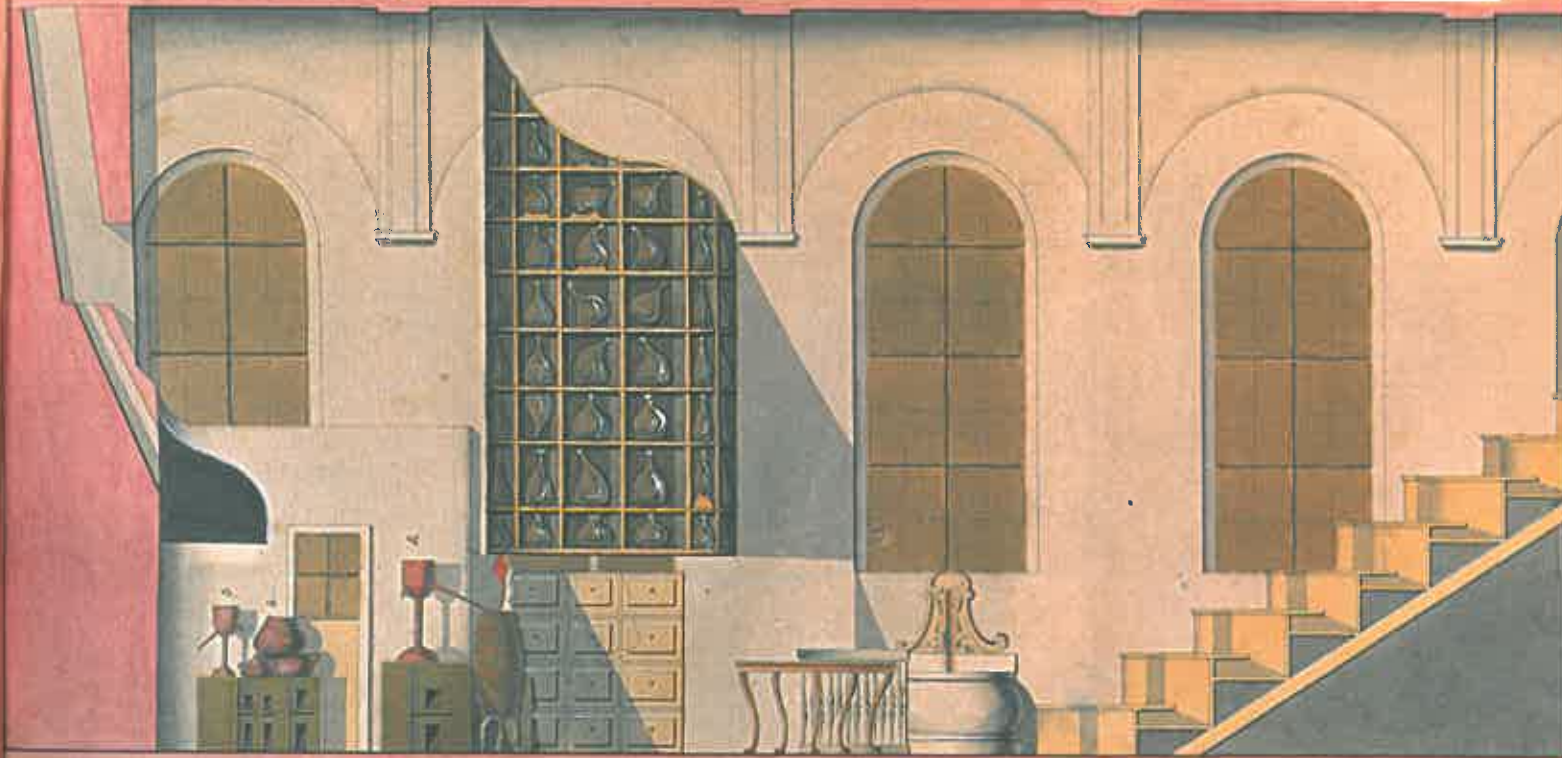
O projeto inicial do JARDIM BOTÂNICO, que contou com a colaboração do jardineiro-botânico Giulio Mattiazzi e o desenho de Guilherme Elsdén (ou William Elsdén, militar e arquiteto inglês, responsável pelas obras da Universidade), seria recusado pelo marquês de Pombal.

GIROLAMO VANDELLI (1730 - c.1823) nasceu em Pádua, onde estudou filosofia e medicina. Chegou a Portugal em 1766, a convite do marquês de Pombal, tendo como primeira ocupação o estabelecimento do laboratório de física do Colégio dos Nobres. Em 1772 tornou-se professor de física experimental da Universidade de Coimbra, onde permaneceu até 1790.

Colaborou com Vandelli no primeiro projeto do Jardim Botânico da universidade de Coimbra e foi um dos membros fundadores da Academia Real das Ciências de Lisboa.

Seus estudos sobre agricultura, em particular a cultura da oliveira e a produção de azeite, e foram publicadas pela Academia das Ciências de Lisboa. Na década de 1790, voltou para Pádua, onde permaneceu até sua morte.

O dr. GIROLAMO VANDELLI, cirurgião e professor de medicina na Universidade de Pádua de 1730 a 1767, era originário da cidade de Módena. Morreu provavelmente em 1777. A *Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti*, vol. XXIV, 1937, p. 969, refere-se a um Domenico Vandelli (1691-1754), natural de Módena, matemático, naturalista e cartógrafo. Trata-se do tio do nosso Vandelli, o que perfila a existência de uma verdadeira dinastia de naturalistas que ainda seria representada por Alexandre António Vandelli.



Secção sobre o Lado do Plano AB N.º 5

Elsden Ten.º Cor.º



Sendo pedido pelo Doutor PINDELLÉ.

RUSSO

De bom Forno portado para as Demonstrações Chemicas, com suas peñas.
Inventado pelo Doutor SHAW Parallelo na Collegia da Medicina de
LONDRES

As informações de que dispomos sobre a segunda coleção do professor italiano – armazenada no Real Museu da Ajuda e doada à Universidade em conformidade com seus estatutos, que faziam apelo explícito à doação de produtos por parte de particulares – também são relativamente precisas, começando pela paternidade da idéia de doação, que em documentos assinados pelo próprio Vandelli é atribuída a frei Manuel do Cenáculo (membro influentíssimo da Junta de Previdência Literária), e passando pelo fato de Pombal, pessoalmente empenhado no cumprimento dos grandes desígnios da reforma, ter inspecionado a coleção antes de ela ser destinada ao futuro Museu de História Natural da Universidade.¹⁵

O projeto museológico que originaria a coleta e conservação das produções naturais (e dos artefatos etnográficos brasileiros) deverá ser atribuído à disponibilidade intelectual de um jovem apaixonado pelos *studi naturalistici*, sem funções profissionais específicas durante quase quatro anos (1764-1768) e naturalmente motivado a prolongar a conceptualização e a metodologia das suas viagens filossóficas italianas através do reconhecimento da flora, da fauna e dos minérios de Portugal e do seu vasto império, tarefas científicas que se poderiam considerar praticamente pioneiras no país.

Por outro lado, tais atividades permitir-lhe-iam enriquecer o seu museu particular, acrescentando ao que deixara em Itália, e esse era assumidamente um objetivo central de Vandelli. O estudo, e sua ordenação em coleção, dos espécimes recolhidos (descrição física, análise de propriedades e classificação taxonômica) e a divulgação (impresa ou manuscrita) dos resultados apresentariam também a motivação acrescida de contribuir para a conquista de um mérito ainda não completamente adquirido junto à corte de Lisboa e de aumentá-lo perante a comunidade científica européia.

Da reunião das duas coleções vandellianas resultaria um acervo suficientemente amplo para ser distribuído por “três casas” do museu e de cujo inventário se guarda, no Arquivo Histórico Ultramarino, um exemplar manuscrito, o qual, apesar de não assinado nem datado, oferece indiscutível interesse, já que descreve com razoável pormenor todo esse material museológico, composto de produções naturais e artísticas.¹⁶

A direção científica do Jardim Botânico e do Museu de História Natural da Ajuda esteve confiada sem interrupção a Domenico Vandelli durante mais de quarenta anos (1768-1810), mesmo quando ele assumiu a docência universitária coimbrã (1772-1791). É certo que nesse particular período a administração da parte econômica foi delegada ao jardineiro-botânico trazido de Pádua, Giulio Mattiazzi, mas Vandelli nunca deixara de assumir oficialmente a orientação museológica dos estabelecimentos.

A natureza imperial de Portugal, aliada a um tradicional desconhecimento dos seus recursos naturais metropolitanos e coloniais, concitara uma geral curiosidade e expectativa internacional face à criação e condução dos estabelecimentos museológicos lusitanos a cargo de um naturalista italiano de reconhecido jaez e com uma aura de prestígio e respeitabilidade que lhe advinha da condição de correspondente de Lineu. Vandelli não terá frustrado as expectativas alimentadas entre amadores, sábios e instituições acadêmicas e científicas no espectro geográfico que poderíamos com propriedade designar de “Europa das Luzes” (da Península Ibérica à Rússia), mantendo uma ativa relação epistolar com mais de quarenta personalidades de onze nacionalidades diferentes. Essa absorvente tarefa seria SOCIALMENTE MERECEDORA DE DISTINÇÃO e aplauso, a tal ponto que

O ELOGIO à atuação de Vandelli como correspondente internacional está em *Dois panfletos anónimos contra Brotero* (27 de abril e 3 de maio de 1803), BPE, cod. CIX/1-18, p. 35, fls. 158 a 177. A notória rivalidade entre Félix de Avelar Brotero e Domenico Vandelli consta de numerosos documentos: aquele, professor em Coimbra, considerava este botanicamente ignorante e aspirava a ocupar o seu lugar na Ajuda, o que viria a acontecer em 1811. O viajante e botânico alemão Johann Heinrich Friedrich Link faz eco às opiniões de Brotero sobre Vandelli no seu livro *Bemerkungen auf einer Reise durch Frankreich, Spanien und vorzüglich Portugal* (3 v., Kiel, 1801-1804). D. Rodrigo de Sousa Coutinho, ministro e inspector dos estabelecimentos da Ajuda, também tomou claramente partido por Brotero, mas Vandelli estava bem protegido pelo seu cargo de conselheiro do príncipe regente d. João, futuro d. João VI.

aparece explicitamente nomeada como uma das que ocupam seu tempo de permanência em Portugal, ao nível do magistério universitário, da criação e direção de museus e jardins botânicos, da preparação de naturalistas-viajantes e do apoio à fundação da Academia das Ciências.

A internacionalização das relações científicas e museológicas, institucionalmente cumprida pelo diretor do complexo da Ajuda, não pode ser omitida quando avaliados os contributos nacionais para a formação do campo disciplinar da história natural do século XVIII. Daí que a participação dos nossos naturalistas não possa ser reduzida à produção teórica de modelos explicativos – área em que nações periféricas, como as peninsulares, não se distinguiram – mas necessariamente alargada à circulação e divulgação quer de instrumentos intelectuais do conhecimento (informações sobre novas espécies, pareceres científicos, notícias sobre publicações e atividades de museus e jardins etc.), quer de objetos naturais exóticos imprescindíveis à construção do grande “catálogo da natureza” e à afirmação de novos paradigmas disciplinares.

Desse modo se cumpria o papel desempenhado pelos estabelecimentos da Ajuda na tendência então iniciada de mundialização da ciência, como acentua um autor que sinaliza bem o lugar de Lisboa na comunidade científica do fim do século XVIII.¹⁷ No decorrer das duas últimas décadas daquele século, e até as invasões francesas, mantêm-se os temas presentes na correspondência vandelliana, num pano de fundo em que prevalece a prática de reciprocidade e colaboração entre personalidades e instituições.

As vantagens de um intenso intercâmbio científico com Lisboa são incessantemente recordadas pelos mais diversos correspondentes de Vandelli. A análise dessa abundante CORRESPONDÊNCIA com personalidades e instituições – Real Jardim Botânico de Madri; *Jardin du Roi* e Sociedade Real de Agricultura, em Paris; Jardim da Universidade de Montpellier; *Kew Gardens* e *Royal Society*, em Londres; Academia das Ciências de Bolonha; Jardim Botânico de Vicenza; Jardim Botânico e Museu de História Natural de Turim; Jardim e Museu de História Natural do Eleitor do Palatinado, em Florença; Universidade de Amsterdam; Universidade de Viena da Áustria; Sociedade Econômica de Saxe, em Leipzig; Universidade e Jardim Botânico de Copenhague; Museu da Universidade de Uppsala; Real Sociedade Patriótica de Estocolmo; Museu do Imperador da Rússia e Academia de Ciências de São Petersburgo – permite traçar um quadro de solicitações muito amplo que vai desde que o “jardim de Sua Majestade Fidelíssima” forneça uma espécie floral bastante rara à coleção botânica de um jardim da aristocracia inglesa até que o museu envie para a Escandinávia “todos os diversos minerais e rochas que se extrai em Portugal e nas suas ricas possessões nas duas Índias”.

Esse quadro será radicalmente alterado quando, por iniciativa dos professores-administradores do *Muséum d'Histoire Naturelle* de Paris e depois de obtida a imediata anuência do próprio Bonaparte, o ministro do Interior francês Emmanuel Crétet (1747-1809) enviar a Lisboa uma missão chefiada por um dos mais brilhantes naturalistas do seu tempo, Étienne Geoffroy Saint-Hilaire (1772-1844), já então conhecido pelo saque artístico e científico do Egito.¹⁸

Investido da autoridade de “comissário” e acobertado pela força invasora comandada por Junot, Geoffroy cumprirá com minúcia profissional o programa de que estava incumbido: selecionar, acondicionar e remeter para a França todos os espécimes naturais (e a respectiva documentação escrita e iconográfica disponível) em falta nas coleções parisienses. Ou seja, obter, numa única incursão e a

O núcleo mais numeroso e persistente de CORRESPONDENTES do diretor do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda (Seguier, Cusson, Gouin, Thouin, Nolin, Renault, Broussonet, Heritier, Jussieu, Gerard) provém dos centros de investigação naturalista da França, como os parisienses *Jardin des Plantes* (*Muséum d'Histoire Naturelle* a partir de 1793) e Sociedade Real de Agricultura ou o Jardim Botânico da Universidade de Montpellier.

au Louvre

En France

A Paris

Adresse intérieure non cachetée avec de la Cire
mais avec du Pain à Cacheter

Correspondance entre les Jardins Royaux
de Botanique de Lisbonne et de Paris

A Monsieur
Monsieur Givon Jardinier en Chef de
Jardin du Roy

A Paris

Toutes les lettres et paquets même de volume d'un livre in-quarto, peuvent
être envoyés par la poste sous ces adresses

no recuser avec reconnaissance. Il Suffira

Professeur Royal de Botanique a Lisbonne

85
M. M. ...
...
...
Lisbonne

Lisbonne

Figuras e grandezza di Pioppo
Agave, e pino d'una.

Madame la marquise de
 Rockingham à une panion
 pour les Plantes exotiques, &
 a remis une Liste à mons.^r
 Amies à Lisbonne; sonexcell.
 intercede avec m. de Verme pour
 se les procurer, & des graines,
 Si Monsieur le Docteur
 Vandely veut bien preter
 son secours elle sera très
 reconnaissante, & mons. Amies
 a ordre de rembourser tous les
 frais.

m. de Verme s'entretient souvent

in Portogallo

La mia servitu.

de Alvoro Diasconis

l'oratorissimo Alexiziano

utile Desolazioni?

[Faint handwritten text in a smaller script, likely a continuation of the letter or a separate note.]

SIR JOSEPH BANKS (1743 – 1820) naturalista britânico. Em 1766 foi eleito para o quadro de membros da Royal Society, integrou uma expedição científica para Newfoundland e Labrador (Canadá) e elaborou as primeiras descrições aos moldes lineanos das espécies daquela região. De 1768 a 1771 realizou uma segunda expedição científica, passando por Brasil, Taiti, Nova Zelândia e Austrália. Em 1778 foi eleito presidente da Royal Society, cargo que manteve por mais de 40 anos. Mantinha contato com muitos dos cientistas da sua época. Correspondente de Domenico Vandelli, recebeu ilustrações botânicas feitas por naturalistas portugueses. Assim como Vandelli, coordenou e financiou viagens de naturalistas para diversas partes do mundo. As coletas realizadas nessas viagens abasteceram o Kew Gardens com um grande e importante acervo botânico. Em 1811, intercede junto ao governo britânico em favor de Vandelli, na época exilado na Ilha dos Açores por suspeita de colaboração com os franceses durante a Guerra Peninsular. Graças em parte à intervenção de Banks, Vandelli obteve seu passaporte para a Inglaterra.

partir de uma posição de domínio político e militar, um cobiçado patrimônio científico e museológico de proveniência tropical, impossível de adquirir pelos métodos utilizados em tempo de paz.¹⁹

O fato de que justificativas mais ou menos aceitáveis se tenham depois formulado, alegando uma atitude de generoso serviço prestado à ciência e a um museu mal organizado e pior dirigido, não pode esconder o essencial desse lamentável episódio: a condenável conivência da elite naturalista francesa com a depredação de recursos alheios, resultado de uma política internacional baseada no princípio do *droit du vainqueur* e no conceito de “espólio universal”.

É não obstante indesmentível que até a imposição de um relacionamento de dominação belicista existe uma tradição de permuta científica, um fluxo epistolar que circula em ambos os sentidos e é longamente alimentado e acarinhado na Ajuda, em Coimbra, em Paris, em Montpellier – e que será, de resto, lentamente retomado depois da aventura espúria do imperialismo napoleônico.

Acusado de “francesismo” no âmbito da “setembrizada”, em 1810, Vandelli seria demitido do cargo de diretor dos estabelecimentos da Ajuda, preso e deportado para os Açores. Conseguiu, com o empenho do naturalista JOSEPH BANKS, da *Royal Society*, viajar para Londres, de onde regressaria a Portugal em 1815. Morreu em Lisboa, em 1816.



Domingos Vandelli